

FESTA DO VINHO DA MADEIRA, TURISMO E IDENTIDADE CULTURAL

Noémi Marujo
Universidade de Évora/CIDEHUS
noemi@uevora.pt

Resumo

A Festa do Vinho da Madeira é um evento especial que procura manter, através das suas diferentes manifestações culturais, a identidade cultural da Ilha da Madeira associada à vinha e ao vinho. Através da festa a comunidade anfitriã procura resistir à cultura global provocada pelo processo da globalização. De facto, as festas que espelham a identidade cultural de uma região funcionam, muitas vezes, como uma excelente 'arma' para valorizar as tradições culturais. Por outro lado, também ajudam a promover um destino turístico ou a melhorar a imagem turística de uma região. A presente comunicação pretende mostrar como a Festa do Vinho da Madeira constitui um elemento valorizador da identidade cultural da região ligada ao vinho.

Palavras-Chave: Turismo, Identidade Cultural, Festa do Vinho, Globalização

MADEIRA WINE FESTIVAL, TOURISM AND CULTURAL IDENTITY

Abstract

Madeira Wine Festival is a special event that seeks to maintain, through its various cultural manifestations, the cultural identity of Madeira associated to the vineyard and wine. Through the feast the host community tries to resist global culture brought about by the globalization process. In fact, the festivals that reflect the cultural identity of a region operate as an excellent 'gun' to valorize the cultural traditions. On the other hand, also help to promote a destination or to improve the tourism image of a region. This Communication aims to show how the Madeira Wine Festival is a valued element of cultural identity related to the wine.

Keywords: Tourism, Cultural Identity, Wine Festival, Globalization

1-Introdução

O turismo é um fenómeno social e cultural que, na sua complexidade, afecta os locais, a cultura de uma região e, também, o ser humano. O turismo envolve um

conjunto de relações, influências, motivações e desejos. Ele desperta no ser humano o desejo de conhecer novos lugares e de entrar em contacto com outras culturas. Sublinhe-se que o turismo “liga as mais distantes partes do globo e aumenta a consciência dos povos sobre o lugar ocupado pelas suas sociedades no mundo e a ligação que possuem umas com as outras” (Dias 2003: 155).

Em todo o processo turístico está também a designada globalização que cada vez mais invade o ser humano. De facto o mundo actual passou a ser mediado pelo fenómeno da globalização e, por isso, é caracterizado por vários autores como um período de constantes e rápidas mudanças, que provoca alterações nos padrões de consumo, nos valores, nas formas de produção e distribuição de bens e serviços (Harvey 1992, Giddens 1991). A globalização “apresenta-se destruindo e reconstruindo formas de identidade cultural, estimulando uma cultura de consumo por todo o planeta, constituindo-se num processo que tem múltiplos aspectos que muitas vezes se contradizem: Liberalismo x protecționismo; globalização x regionalização; homogeneização x heterogeneidade etc.” (Dias 2003: 166).

Mas o turismo, ao mesmo tempo que sofre influência da globalização, contribui para a sua expansão e consolidação, facilitando a comunicação e aumentando o intercâmbio de ideias por todo o mundo. Assim sendo, o turismo contribui para o desenvolvimento de uma consciência global. Logo, pode-se afirmar que o turismo é um fenómeno universal que liga todas as partes do sistema global, que aumenta a compreensão dos indivíduos de pertencerem a um todo, e que incrementa a consciência destes de pertencerem a uma determinada cidade, vila ou aldeia, pois a presença do outro (visitante) e as suas diferenças, faz com que exista um fortalecimento da identidade cultural.

A difusão da cultura universalizada, através do processo da globalização, provoca uma influência nos comportamentos dos indivíduos levando a uma valorização da identidade cultural. Em alguns casos, essa valorização é expressa nos eventos culturais ao vivo como, por exemplo, nos festivais de vinho.

2-Festa do Vinho da Madeira, turismo e identidade cultural

A Festa do Vinho da Madeira realiza-se todos os anos na primeira semana do mês de setembro. Tem como principal objectivo recordar a importância socioeconómica duma atividade ligada à história do povoamento e da atividade agrícola da ilha. A festa, através de manifestações etnográficas, exposições,

espetáculos musicais e vindima ao vivo, procura reconstituir os velhos hábitos da população madeirense sobre a cultura da vinha e do vinho. Sublinhe-se que as festas ao vivo funcionam como “instrumentos para interpretar a comunidade, levando o povo a ter um contacto directo com factos históricos, objectos e recriando eventos ou modos de vida aumentando, assim, o seu conhecimento e apreço às tradições” (Getz, 2002:433).

Não há muitas referências bibliográficas sobre a data exata em que se iniciou esta Festa. No entanto, através de uma pesquisa no periódico ‘Diário da Madeira’ verificou-se que ele se refere a uma inauguração de uma festa intitulada ‘Festa da Vindima’, a 18 de setembro de 1938, no Campo Almirante Reis (Funchal). Todavia, esta não foi organizada com fins turísticos: “A festa da Vindima, que se inicia hoje no Campo Almirante Reis, é digna da simpatia de todos os madeirenses, pelo duplo fim que visa a sua realização: ao mesmo tempo que faz a propaganda da uva e do vinho desta região portuguesa, promove a recolha de donativos importantes que vão beneficiar a precária situação da escola de Artes e Ofícios” (Diário da Madeira, 1938: 1).

Devido à II Guerra Mundial, a festa só voltou a realizar-se em 1945. No entanto, não foi organizada pela Escola de Artes e Ofícios. A iniciativa esteve a cargo de um jornalista que, através de um empresário, encontrou financiamento para a realização da festa (Fernandes, 1999). A imprensa na época descrevia a iniciativa do seguinte modo: “Durante todo o dia percorreram as ruas da cidade um carro alegórico e alguns ranchos de tocadores e trovadores, propagandeando aqueles festejos, o que contribuiu para despertar a curiosidade do público. As ruas da cidade registavam já um movimento invulgar, que foi aumentando consideravelmente, adensando-se as pessoas em filas sobre os passeios (...) Nas ruas do percurso aguardavam o desfile milhares de pessoas” (Diário de Notícias, 1945: 1). Saliente-se que nesse ano, o palco central da animação da Festa já não foi o Campo Almirante Reis, mas sim o parque da Quinta Vigia: “Poucas festas se têm realizado na Madeira que tenham atraído uma tão avultada massa de assistentes de todas as camadas sociais, como as festas das vindimas que, com tão estrondoso sucesso vêm a realizar-se no pitoresco parque da quinta vigia” (Diário de Notícias, 1945: 1).

Só em 1963 é que a Festa do Vinho assumiu pela primeira vez o objetivo de promoção turística da Madeira e, por isso, passou a ser organizada pelas entidades ligadas ao turismo, ou seja, pela Delegação do Turismo da Madeira (Freitas, 2008). Nesse ano a festa, que teve também como palco a freguesia do Estreito de Câmara de Lobos, serviu como uma espécie de fase experimental de um cartaz a ser integrado no calendário turístico da Ilha da Madeira. Tinha como principal objetivo apresentar um

quadro vivo das vindimas. O Jornal da Madeira descrevia, nessa época, o entusiasmo visível dos visitantes: “Nas suas máquinas de fotografia e cinema, muitas dezenas de turistas registaram ontem o colorido da vida rural madeirense, na oportunidade rara de terem ao seu alcance muitos dos mais característicos quadros do folclore local, numa moldura igualmente característica da paisagem da ilha e dos seus festejas populares. Os borracheiros e outras figuras tão características do nosso povo tiveram o seu lugar de destaque no cortejo da vindima, espetáculo inteiramente novo para os visitantes que mereceu também o interesse e o aplauso de todos os madeirenses que a ele assistiram. Não há dúvida que nunca serão em excesso os atrativos que se possam oferecer ao turista. Ontem, radicou-se a certeza de que os festejas das vindimas poderão vir a ser um dos de maior interesse...” (Freitas, 2008:1).

Contudo, a festa não teve a continuidade esperada e foi interrompida, sendo reativada, em 1979 pela Direção Regional do Turismo (Costa, 2004; Freitas, 2008). Nesse ano, a imprensa referia que o evento poderia vir a constituir, nos próximos anos, o maior cartaz turístico regional do verão. Assim sendo, a Festa começou a realizar-se especialmente em dois espaços (o urbano e o rural) e passou a designar-se ‘Festa do Vinho da Madeira’. O seu programa era constituído pela vindima ao vivo, cortejo alegórico, pisa e repisa de uvas e animação musical. No entanto, enquanto que em 1963 a festa teve por palco unicamente a freguesia do Estreito de Câmara de Lobos (armazéns da firma Veiga França, largo do Patim e rua da Igreja), as edições realizadas entre 1980 e 1988 centraram-se na Quinta do Estreito onde tinha lugar a apanha da uva e um pequeno arraial, seguindo-se depois um cortejo em direção ao armazém do Veiga França, local onde os turistas podiam fazer a pisa e repisa das uvas (Freitas, 2008).

Em 1990, a Festa do Vinho da Madeira não se realizou no espaço rural. Tal facto levou a um descontentamento da população da referida localidade que perspetivava o evento como “...uma festa para inglês ver” (Freitas, 2008: 8). Mas, em 1991, a festa no espaço rural foi reatada apresentando um novo modelo de programação. A iniciativa passou a ter três dias e, para além da encenação da apanha da uva, do cortejo, da pisa e repisa da uva e da animação musical, foram introduzidas outras atrações como, por exemplo, as exposições de artesanato e as tradicionais tasquinhas de petiscos. Assim, “...as festas das vindimas, no Estreito de Câmara de Lobos, viriam a ganhar um novo figurino mais adequado às necessidades e anseios da população estreitense. Deixariam de ser uma ‘festa para inglês ver’ com duração de uma manhã, para se transformar num meio de promoção a nível regional, da freguesia do Estreito e das suas atividades. Com esse objetivo, os festejos relativos às festas das vindimas passariam a se prolongar por três dias” (Freitas, 2008: 1).

O evento também sofreu alterações no espaço urbano. Realizava-se num espaço fechado, nomeadamente no Instituto do Vinho. No entanto, esse mesmo espaço, após algumas realizações, deixou de ser suficiente para receber os turistas, bem como atender às suas necessidades e exigências. Tal facto fez com que a Direção Regional do Turismo passasse a realizar a Festa nas ruas da cidade, nomeadamente na Avenida Arriaga.

Atualmente, a Festa do Vinho da Madeira continua a realizar-se no espaço urbano e rural. No espaço rural destaca-se a apanha das uvas entre os turistas e a comunidade anfitriã, o desfile etnográfico onde os vindimadores, acompanhados por grupos folclóricos percorrem algumas ruas da freguesia interagindo com os turistas através da oferta de uvas, vinho e outros produtos gastronómicos. Depois, segue-se a pisa e repisa da uva onde participam turistas, filhos de emigrantes e residentes mais novos. Enquanto a pisa e repisa acontece, anfitriões e turistas encontram-se através das danças folclóricas. Refira-se que no espaço rural todos participam na festa (adultos, jovens e crianças) e, através dela, procuram oferecer um contacto com os artefactos do passado ligados, essencialmente, à vinha e ao vinho. “Os saberes e os valores são levados a sério pelos membros da comunidade” (Marujo, 2010: 359). De facto, a Festa do Vinho da Madeira funciona como um impulso à continuidade da herança cultural.

No espaço urbano, os turistas têm a oportunidade de assistir a espectáculos de luz, som e folclore alusivos ao vinho e às vindimas. Também podem observar quadros vivos etnográficos e exposições de artesanato, bem como realizar provas de vinho. A Festa do Vinho da Madeira “é um dos melhores momentos de convívio entre turistas e residentes” (Coutinho, 2007: 37).

3-Conclusão

A Festa do Vinho da Madeira é uma forma da sociedade madeirense mostrar para sociedade globalizada as suas diferenças culturais ligadas à época vinícola. Ela é planeada e organizada para valorizar não só o vinho, mas também as outras manifestações culturais. Ou seja, a festa “funciona como um elemento valorizador da identidade cultural uma vez que, através das danças folclóricas, do desfile etnográfico e outras manifestações, exterioriza a expressão de uma conjuntura histórica ou a manifestação de uma tradição” (Marujo, 2010:359).

É um facto que as festas, caso não sejam bem planeadas, podem afectar o reino social e cultural de uma comunidade. Elas, por um lado, podem ser um elemento

valorizador das tradições regionais ou locais. Mas, por outro, ao exporem a cultura regional aos outros podem ameaçar a sua continuidade de preservação, especialmente, por pressões de comercialização. Por isso as festas de carácter tradicional devem, sempre que possível, procurar preservar a autenticidade das manifestações culturais existentes no seio de uma comunidade.

4- Referências Bibliográficas

DIAS, R. (2003): *Sociologia do Turismo*. Atlas, São Paulo

COSTA, S. (2004): *Festas e tradições portuguesas*. Círculo Leitores, Lisboa.

COUTINHO, J. (2007): *Cidades irrepetíveis: Madeira*. Alhena Media, Barcelona.

FERNANDES, D. (1999): *O folclore em eventos sociais entre 1850 e 1948: factos e evidências*. Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova, Funchal.

FREITAS, M. (2008): Festa das Vindimas. *Câmara de Lobos. Dicionário Histórico, Corográfico e Biográfico*. <http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario> (Acesso a 14-03-08).

GETZ, D. (2002): “O evento turístico e o dilema da autenticidade”, In Theobald, W. (org.), *Turismo global*, 2.ª Ed. SENAC, São Paulo.

GIDDENS, A. (1991): *Modernity and self-identity*. Polity Press, Cambridge.

HARVEY, D. (1992): *Condição pós-moderna: uma origem sobre as origens da mudança cultural*. Loyola, São Paulo.

MARUJO, M. (2010): “Eventos culturais, identidade e comunidade local: a festa do vinho na Madeira”, In SANTOS, M. (Org.), *Turismo cultural, territórios e identidades*. Instituto Politécnico de Leiria/Edições Afrontamento, Porto.